

Heleieth Saffioti e o marxismo feminista

Neste 8 de março de 2016, o blog *marxismo21* nos presenteia com a divulgação de grande parte da obra da socióloga feminista marxista Heleieth Saffioti. Eis um belo convite à reflexão sobre a origem do próprio dia Internacional da Mulher. Longe de um simples evento de mercado em que se ganham flores e presentes, o 8 de março foi dedicado à luta dos movimentos de mulheres em todo o mundo. *marxismo21* nos repõe o desafio para refazermos o vínculo entre as lutas pelo fim da desigualdade entre os sexos e pela transformação social, que nem sempre se manteve tão íntegro.

Com imensa criatividade teórica, Saffioti deu pistas para a reconstrução deste fio. Em condições muito desfavoráveis, ajudou a colocar, em novos termos, o marxismo no interior da luta das mulheres e vice-versa. Daí a importância de seu primeiro grande livro, *A mulher na sociedade de classes*.

Fruto do que deveria ter sido sua tese de doutorado, a publicação do livro resultou de muitas ousadias. A começar pela aventura de escrever sobre um tema pouco aceito, num ambiente predominantemente masculino, com um referencial teórico marxista, durante uma ditadura militar. A escassez era grande: pouquíssima literatura feminista, ausência de fontes organizadas sobre a condição feminina no país e carência bibliográfica acerca dos referenciais teóricos.

Era 1967, Heleieth já alçava voos como docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (FFCLA), da hoje Universidade Estadual Paulista. Com aspirações socialistas e rodeada de comunistas, tinha consciência do incômodo que causava. Tamanhas foram as pressões no interior da Faculdade que, para preservar sua orientanda, Florestan Fernandes a encaminhou diretamente para a livre-docência. Em pouco tempo, a tese virou livro e o livro ganhou o mundo.

Publicado pela primeira vez em 1969, *A mulher na sociedade de classes* não teve inicialmente grande repercussão no Brasil. Eram ainda incipientes os estudos e movimentos feministas no país, que ganhariam corpo no calor do combate à ditadura militar e com as contribuições da Segunda Onda feminista que crescia na Europa e nos Estados Unidos. O livro publicado em inglês, em 1978, pela *Monthly Review* colocou em evidência o pioneirismo de Heleieth Saffioti: a primeira mulher na América Latina a escrever sobre a condição feminina na perspectiva da transformação social. A

repercussão incluiu muitas críticas: ser marxista demais, ser feminista de menos e vice-versa.

No escasso terreno da produção feminista brasileira dos anos de 1960, Heleieth Saffioti escreveu sua própria história. E não parou de produzir até o final de sua vida, em dezembro de 2010. É autora de vasta bibliografia sobre o trabalho feminino no Brasil. Examinou a divisão sexual do trabalho nos diferentes setores da produção; as condições de trabalho das mulheres no campo; a estrutura do emprego doméstico etc. Na contramão dos que acreditavam que o desenvolvimento do capitalismo traria maior igualdade, demonstrou que as mulheres continuariam inseridas de forma precária neste sistema de produção.

Saffioti teve uma trajetória prática condizente com sua contribuição teórica. Desde os anos 1980 se lançou no estudo da e no combate à violência doméstica. Em contraposição aos adeptos do caráter abstratamente analítico de gênero, de raça e de classe, cunhou o conceito de nó das contradições sociais para recuperar seu substrato empírico. Apreendeu gênero, classe e raça/etnia como os três eixos que estruturam nossa sociedade, como contradições que não operam de forma isolada, tornando a realidade muito mais complexa. Realidade cuja transformação requer táticas e estratégias de lutas mais amplas e igualmente complexas.

Na tentativa de compreender a manutenção da violência de gênero, nossa autora interagiu criticamente com distintas matrizes do feminismo. Dialogou, dentre outras, com Gayle Rubin, Sandra Harding, Catherine Mackinnon, Joan Scott, Judith Butler, Teresa de Lauretis; visitou frequentemente as contribuições de feministas materialistas francesas, em especial Nicole-Claude Matthieu. Procurando compreender a manutenção do poder do macho, recuperou conceitos de Weber, Foucault e Bourdieu. Estas incursões renderam-lhe acusações de ser eclética demais ou de ter abandonado o marxismo. Manteve-se firme na sua rebeldia e fiel à sua liberdade intelectual.

O trabalho teórico de fôlego foi acompanhado pelas intensas pesquisas empíricas, conferências para movimentos de mulheres, participação na luta contra a violência de gênero, o que lhe rendeu, por exemplo, o título da primeira turma de Promotoras Legais, em 2002, na OAB de Suzano-SP e a denominação do Centro de Referência da Mulher “Profa. Heleieth Saffioti”, de Araraquara, em 2001. Outro reconhecimento de seu

incansável trabalho contra a violência de gênero foi a indicação, pelo Projeto Mil Mulheres, para o Nobel da Paz de 2005.

Heleieth Saffioti orientou inúmeras pesquisas, estimulou grupos de estudos, participou da formulação de políticas de combate à violência de gênero, influenciou gerações de feministas dentro e fora do mundo acadêmico. Em todas estas frentes, já no século passado ampliou os horizontes do marxismo no século 21.